

## Apresentação

Nessas primeiras décadas do século XXI o capitalismo monopolista e seu insaciável apetite de acumulação vem configurando um ambiente econômico, político e cultural distópico. A crise imobiliária estadunidense de 2008, ao se espalhar para o conjunto da economia mundial, foi o estopim para um novo impulso do capital na busca por alternativas econômicas e políticas que recuperem as suas taxas de lucratividade. Ao perseguir seu intento as personificações do grande capital monopolista vêm mobilizando um verdadeiro arsenal cultural e ideológico para justificar a adoção de políticas contra-ofensivas que exacerbam as suas características exploradoras e expropriadoras. Tendências e contradições apenas embrionariamente analisadas por importantes teóricos marxistas do século XX foram exponencialmente exasperadas. O mesmo quadro histórico que indica saltos evolutivos das forças produtivas, com o desenvolvimento da chamada “indústria 4.0”, gesta também uma atmosfera social na qual os elementos incivilizados do capital se ampliam patrocinando um gradativo e contínuo processo de reificação e barbarização dos mais variados aspectos da vida social.

Nessas condições o capital, hiperconcentrado na esfera financeira, ao buscar a superação do cenário de crise, derrubará todas as barreiras que o impedem de restituir seu poder expansionista de exploração de sobretrabalho e de acumulação de capital. Novas áreas antes inexploradas serão abertas ao investimento privado de capital: recursos naturais preservados, fundos estatais considerados públicos, terras demarcadas como não exploráveis, reservatórios de força de trabalho precária e barata ainda não dominados, fontes de matéria-primas ainda não utilizadas e os mais diversos recursos naturais e sociais estarão na mira do grande capital e seu apetite expropriador. Por sua vez, o incremento de uma quarta revolução técnico-científica impulsiona novas formas de contratação que, por sua vez, são fios condutores para renovadas estratégias de intensificação do controle, manipulação e exploração da força de trabalho nos mais variados espaços de produção, distribuição, troca e consumo de mercadorias.

É esse o conjunto de temáticas exploradas no presente livro que tem por título, “Capitalismo contemporâneo: crise e barbarização da vida social”, integrante da Coleção Coleção José Paulo Netto”, em seu 4º volume, resultado de sínteses construídas por docentes e pesquisadores que compõem a Área I do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da UFRJ, concentrando temáticas relativas aos fundamentos ontológicos e históricos da teoria social crítica para desvelar a relação estrutural e estruturante entre modo de produção capitalista, classes sociais e suas configurações, a relação entre o Estado e as Políticas Públicas na sua contemporaneidade

As reflexões constantes nesse volume também foram fruto de debates na Jornada de Integração e Pesquisa Acadêmica (JIPA), importante espaço de democratização e socialização de resultados de pesquisas e debates empreendidos pelo PPGSS/UFRJ, possibilitando intercâmbio entre discentes de graduação e pós-graduação. Em sua última edição, realizada entre os dias 28 e 30 de março de 2023, reuniu em seus nove grupos de trabalho pesquisas que envolvem temáticas desde as questões mais centrais concernentes à formação profissional em Serviço Social, trabalho profissional, teoria social e fundamentos do Serviço Social, a temas como Estado, questão social, e as particularidades de seus

processos de controle social e violência, bem como as interfaces entre questão agrária, urbana e ambiental, direitos humanos, movimentos sociais e políticas sociais.

Além de estarem em consonância com a JIPA, o livro em tela, constituído por 8 capítulos organizados em duas *partes* estreitamente vinculadas, apresenta reflexões candentes e necessárias para pensar aspectos particulares do capitalismo contemporâneo cujos traços gerais aludimos na abertura deste texto e que são fundamentais a compreensão das inúmeras manifestações de expropriações, opressões, violências e desmonte de direitos e políticas públicas e sociais da atualidade. A Parte I - *Elementos da crise do capitalismo contemporâneo* é composta por textos que buscam analisar aspectos gerais do capitalismo contemporâneo, tanto no que diz respeito às renovadas estratégias de recomposição das taxas de lucro e intensificação da exploração e das expropriações do capital, como também do incremento tecnológico que possibilitou ampliar o poder da manipulação capitalista trazendo múltiplas consequências políticas, ideológicas e culturais para a sociabilidade contemporânea.

Os dois primeiros textos que abrem esta coletânea, “*A Crítica Lukacsiana à Manipulação da Vida Cotidiana no Capitalismo: economia, política e vida social no capitalismo contemporâneo*” de Marcos Botelho e Marcelo Braz e “*A Alma do Negócio é Você: Tecnologia e Indústria da manipulação no capitalismo contemporâneo*” de autoria de César Maranhão, analisam a relação entre o capitalismo contemporâneo e a manipulação da vida social. O primeiro artigo recupera as contribuições teóricas clássicas de György Lukács sobre a construção de um verdadeiro aparato manipulatório capitalista, a partir do pós-1945, elencando categorias e temáticas importantes para a construção de uma crítica atual à manipulação da vida cotidiana. O segundo texto, também seguindo as elaborações teóricas lukacsianas sobre a manipulação capitalista, pretende atualizar o debate mostrando como as atuais transformações na dinâmica de acumulação do capital, na gestão da força de trabalho e no desenvolvimento da quarta revolução técnico-científica exacerbam e ampliam o potencial da “Indústria da Manipulação” abrindo uma nova fronteira de disputas ideológicas, políticas e culturais sobre o tempo livre da classe trabalhadora.

Já o artigo intitulado “*Direita antissistema ou triunfo temporário do capitalismo manipulatório no século XXI?*” de Mavi Rodrigues busca avançar na compreensão crítica da chamada “nova extrema-direita”, situando-a no ambiente sócio-cultural pós-crise de 2008, que possibilitou o crescimento do irracionalismo e o espraiamento de propostas políticas radicalizadas que renovam e intensificam a contra-ofensiva do capital contra o trabalho. No texto que fecha a primeira parte desta publicação intitulado “*Junho de 2013 como um todo homogêneo ou como mobilização de classe média: Dois mitos nas interpretações sobre o período*”. Rafael Vieira apresenta os resultados de uma pesquisa em andamento, realizada desde 2016, sobre as jornadas de junho de 2013. No artigo o autor faz uma análise crítica das principais abordagens teóricas sobre Junho de 2013 identificando os principais “mitos” que gravitam em torno das mobilizações que sacudiram a política brasileira e redefiniram os rumos futuros da luta de classes no Brasil.

Na Parte II deste livro, *Elementos para pensar a barbárie social*, estão reunidos os textos dedicados a tratar as muitas e diversas expressões da opressão e violência que atingem determinados segmentos sociais - mulheres, negros e negras, pobres, moradores de favelas, usuários dos equipamentos de saúde mental, etc. - e aparentam ser um fenômeno restrito a determinados sujeitos, como um fenômeno universal que se amplia e se intensifica desde a segunda metade dos anos 70 do século XX, quando a dinâmica de acumulação de capital assume um caráter destrutivo. A produção contemporânea e generalizada da barbárie da

vida social é aqui remetida, a partir de ângulos diversos de análise, e em maior ou menor grau, aos antagonismos do Modo de Produção Capitalista.

Em *Militarização da Política de Segurança Pública: apontamentos sobre intervenções policiais e militares em favelas cariocas*, Fernanda Kilduff e André Saldanha Costa nos instigam a pensar o fenômeno da militarização da política de Segurança Pública e da cidade do Rio de Janeiro como um componente das formas novas de gestão da pobreza e dos segmentos de trabalhadores desempregados a adquirir formas dramáticas com o avanço do neoliberalismo e a aparição da extrema direita. Elemento fundamental à constituição dessa bárbara gestão da pobreza, demonstrado pelos autores, foi desde anos 1970/1980, o ‘combate às drogas’ como eixo central da política norte-americana de intervenção militar nos países latino-americanos, a indicar como a militarização das atividades de segurança pública deve ser compreendida em articulação com os interesses econômicos e políticos dos grandes monopólios, dentre eles a expropriação das populações periféricas do uso de seus recursos naturais.

Escrito por Luana Siqueira e Gláucia Lelis Alves o segundo texto, *Violência Doméstica e a manutenção do patriarcado no capitalismo*, propõe abordar a violência doméstica como uma das muitas violências estruturantes do capitalismo, Modo de Produção assentado na socialização da produção e apropriação privada dos frutos do trabalho. Para tanto, as autoras buscam desvelar a importância do trabalho doméstico para acumulação capitalista e a violência doméstica como uma forma de controle do trabalho reprodutivo não remunerado e exercido por mulheres. Leitoras e leitores encontrarão também aqui o genuíno empenho em apontar as conexões entre o fenômeno do patriarcado, existente em outros Modos de Produção, com a existência da propriedade privada. Ademais para Luana Siqueira e Gláucia Lelis, o patriarcado no capitalismo está associado a objetificação das mulheres e a entronização (por amor ou por culpa) de uma cultura que atribui a elas, o papel de desempenhar o trabalho doméstico.

No capítulo intitulado *A política de assistência social no governo Bolsonaro: um panorama do desmonte* Mossicleia Mendes da Silva e Ana Paula Ornellas Mauriel buscam refletir sobre a assistência social num contexto de acirramento do capitalismo em crise e no qual o grande capital busca impor uma reprodução rebaixada da força de trabalho. A análise privilegia o período do Governo Bolsonaro (2018-2022) e nos oferece um balanço do aprofundamento do desmonte e da precarização desta política setorial, por três vias centrais: seu desfinanciamento, a adoção de uma acentuada burocratização (atualização e revisão) do CadÚnico e a disseminação de meios digitais para acesso aos benefícios assistenciais. Além disso, ao situar o referido desmonte da assistência social num quadro muito mais amplo de promoção da precarização da proteção social estatal, o texto em tela nos estimula a debater mais sobre os elos existentes entre os valores ultraconservadores do neofascismo e um programa econômico ultraneoliberal, em outros termos, de um neoliberalismo draconiano.

Por fim, o último texto *Experienciando a construção do Censo Psicossocial dos usuários dos serviços de saúde mental do Estado do Rio de Janeiro* é obra coletiva de Rachel Gouveia Passos e sua equipe do Projeto de Pesquisa e Extensão Luta Antimanicomial e Feminismos, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ), em parceria com a Coordenação de Atenção Psicossocial da Secretaria Estadual de Saúde (SESC/RJ). Escrito com o objetivo dar a conhecer a experiência ainda em curso da construção do Censo Psicossocial dos usuários atendidos na Rede de Atenção Psicossocial do Estado do Rio de

Janeiro (RAPS/ERJ), os autores nos apresentam sua compreensão teórica sobre a interseccionalidade entre classe, gênero e etnia - conceito-chave da pesquisa – e a dupla contribuição da mesma: qualificar os profissionais de saúde mental acerca das relações das opressões/exploração e o processo de sofrimento e adoecimento psíquico e construir marcadores sociais que permitam conhecer melhor as condições de vida dos usuários que são vítimas do racismo, sexismo, homofobia, violência armada, etc.

Com a presente publicação esperamos contribuir com o debate crítico sobre o capitalismo contemporâneo, tendo em vista a produção de subsídios heurísticos que contemplem questões e demandas de profissionais e pesquisadores do Serviço Social, bem como o conjunto da classe trabalhadora brasileira.

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2023.

César Maranhão  
Gláucia Lelis Alves  
Mavi Rodrigues  
(Comissão organizadora)